

Ilha de Circe? O imaginário bruxólico de Santa Catarina, a Ilha

Autor(a): Lélia Pereira da Silva Nunes | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Língua e Literatura

Subtema: Ensaio

Referência geográfica do conteúdo: Florianópolis, Brasil

Data de publicação: 04/10/2008

Referência da Primeira Publicação:

Revista Atlântida Vol LII, Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 2008

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

No ano em que comemora-se 260 anos do povoamento açoriano no Sul do Brasil e o centenário de nascimento do escritor Franklin Cascaes o artigo referencia as sobrevivências culturais açorianas no litoral catarinense e na Ilha de Santa Catarina. Reflete sobre a presença do imaginário bruxólico na literatura, na música e nas artes catarinenses.

Mostrando que muitos são os escritores, poetas, músicos, artistas plásticos que derramam seu olhar e captam esse mundo ilhéu na sua real dimensão ou na dimensão do sonho, o universo bruxólico de Cascaes, o realismo fantástico que habita esta Ilha mítica, eternizando-o na prosa, na poesia, no canto, na arte pictórica.

CONTEÚDO

Ilha de Circe?

O imaginário bruxólico de Santa Catarina, a Ilha

*"Quando Circe te tocar com sua varinha comprida,
tira de junto da coxa tua espada cortante,
e investe contra ela, como se quisesses matá-la.
Ela, de medo, instará contigo a que partilhes de seu leito;
não deves recusar o leito de uma deusa, se pretendes que
ela liberte teus companheiros e assegure o teu regresso."*

Homero In: Odisseia

Na geografia das almas da Ilha de Santa Catarina, nos caminhos percorridos por muitas gerações de ilhéus foram os quase seis mil açorianos e algumas dezenas de madeirenses que marcaram de forma definitiva a sua presença, ao trazerem para o sul do Brasil a sua cultura, que é o código genético social de um povo como bem afirmou lá da Maia, da Ilha de São Miguel, Daniel de Sá em sua obra Açores (2003:64).

Um percurso de aproximação cultural à procura da compreensão das nossas manifestações culturais sobreviventes e de outras reinventadas, mas fortalecidas pela memória colectiva que fala dessas origens tão vivas dentro de nós, depois de dois séculos e meio, a correr como sangue pelas artérias e se abrigarem no coração. Manifestações transmitidas em ritos de passagem ao longo do tempo, do espaço telúrico, dos rumores do mar, da insularidade, da pluralidade de crenças e símbolos e da singularidade de cada comunidade da ilha, compreendendo o acervo espiritual, o elemento intangível da cultura que descortina o quotidiano, o viver, a alma, o sagrado, o profano, o repertório afectivo, o imaginário ilhéu.

Muitos são os escritores, poetas, músicos, artistas plásticos que derramam seu olhar e captam esse mundo ilhéu na sua real dimensão ou na dimensão do sonho, o universo bruxólico, o realismo fantástico que habita esta Ilha mítica, eternizando-o na prosa, na poesia, no canto, na arte pictórica.

*Borboleta fina de outrora, comensal de Humboldt e Von Chamisso.
Bruxa dissimulada no cafezal, mestra de baile de habanera.
Quiseram prender-te na arca com o chamariz de uma vela, fugiste
Como o raio da lua...
Nativa, verticalíssima feiticeira.*

Bruxa de Rodrigo de Haro
In: A borboleta verde ou A Guardiã dos Sortilégios

Quando se fala na presença do imaginário bruxólico na literatura, na música e nas artes catarinenses, de imediato se identificam dois tempos distintos: o antes e o depois de Franklin Cascaes. Antes de Cascaes, o imaginário bruxólico se apresenta de forma figurativa, insinuada na poesia ou descrita nos contos como credices e sabedoria do ilhéu pobre, sofrido e ignorante. Ilustra bem esse momento do "antes de Cascaes" a poesia de Cruz e Sousa e a prosa de Othon d'Eça.

Após Cascaes, o imaginário bruxólico cria corpo, agiganta-se e com força se impõe, estando presente de forma manifesta em toda parte e não mais restrito ao interior da ilha e às conversas de fins de tarde nos barracões de pesca. Populariza-se o termo "bruxólico" forjado por Cascaes e configura-se "o imaginário bruxólico" na literatura, na arte, na música e na vida ilhoa. A Ilha passa a ser conhecida (e sua imagem vendida) quer pela beleza de suas praias, quer por sua magia como Ilha das Bruxas ou Ilha da Magia ou Ilha de Cascaes.

As Bruxas da Ilha estão na literatura enfeitando o leitor; nas artes, os próprios artistas anunciam-se partícipes do Realismo Fantástico Ilhéu - a escola artística de Cascaes; na música, a temática está presente na figura da mulher-bruxa, feiticeira, que tece a tela da sedução infinita, que faz mil loucuras, aprisionando na rede da pesca, no rendado da paixão.

*"Amigos, é Circe que nos hospeda nesta Pamir do vinhoso Oceano.
Onde se encontram vales mais dignos dos paços de Circe?
Porque é num vale de umbrosos mistérios que Homero situa o palácio de Maga.
Onde as espessas florestas de que fala o poeta, se não são as desta
ilha de legnami onde os descobridores portugueses não acharam
um palmo de terra que não estivesse coberto de enormes árvores?"*

Natalia Correia In: A Ilha de Circe, 1983: 59

Se Natália Correia, na novela *A Ilha de Circe* (1983), desloca para o Atlântico a Ilha Eéia, morada de Circe - a bela feiticeira, fazendo Ulisses e seus homens deambularem pela África Ocidental, Açores, Canárias e Madeira,

conforme comenta Urbano Bettencourt em *Ilhas Conforme as Circunstâncias* (2003:55), pretensiosamente, fiz descer ao Atlântico Sul e denominar de Ilha de Circe a Ilha de Santa Catarina com seu universo bruxólico.

I - Antes de Cascaes:

João da Cruz e Sousa (1861 - 1898) não é só a maior figura literária de Santa Catarina, mas o maior do Simbolismo Brasileiro. Cisne negro da poesia simbolista foi pouco reconhecido em vida não obstante sua luta para realização literária. *Tropos e Fantasias* é seu livro de estreia. Discípulo da Escola Nova (Simbolismo) direcciona toda a sua produção literária ao novo paradigma que surge em oposição ao parnasianismo e ao naturalismo, tendo publicado em 1893 *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia), deflagrando o Simbolismo. Na epígrafe de *Broquéis*, as palavras de Baudelaire: "*Senhor Deus! Dai-me a graça de produzir alguns belos versos que provem a mim mesmo que não sou o último dos homens, que não sou inferior àqueles que desprezo.*"

Combatido, desprezado, transmite em seus versos toda carga de sofrimentos e dor pelo menosprezo de uma sociedade excludente, preconceituosa, e pelas vicissitudes da sua vida ao lado de Gavita, sua mulher.

Sua consagração se revela no aplauso dos Modernistas Tasso Silveira, Cecília Meirelles, Andrade Muricy, Jorge de Lima, Murilo Araújo, entre outros. Com o tempo também a ilha-natal vai reconhecendo o seu valor e homenageando-o...

Roger Bastide, sociólogo francês que viveu no Brasil, analisando a gênese do Simbolismo místico na poesia de Cruz e Sousa, afirma que "*Cruz e Sousa é uma experiência sofrida e vivida do símbolo interior de uma busca espiritual*". Bastide confere ao poeta um lugar destacado ao lado de Mallarmé e Stephan George.

Cruz e Sousa transpõe para sua sensibilidade as posições estilísticas de Baudelaire, Mallarmé e Verlaine. Uma poesia de um excluído, que é voz de seu povo negro, que é voz para sempre de seu povo desvalido - o ilhéu.

Na poesia, deixa transbordar a cadência contagiante, ritmo novo, com o uso de palavras em metáforas que imprimem força, dor, menosprezo, descaso, sensualidade, solidão, enigma. Faz uma poesia musical, com movimento, por vezes polifônica, onde a repetição é um recurso expressivo, com uso sensual das palavras. Para o poeta espanhol, Federico García Lorca, "*a poesia é o mistério que as coisas têm*", na poesia de Cruz e Sousa o enigma está presente, mas não se revela. Não se entrega. Desafia, instiga, provoca. É preciso ler e reler e voltar a ler vezes sem conta até descobrir os tesouros e desvendar o mistério do intimismo.

É preciso entrar devagarinho, pela borda, pé ante pé, como num relicário sagrado e percorrer os labirintos da palavra, penetrar na dimensão humana e mergulhar nas profundezas do imaginário do poeta.

*És da origem do mar, vens do secreto,
Do estranho mar, espumoso e frio
Que põe rede de sonhos ao navio,
E o deixa balouçar, na vaga, inquieto.*

*Possuis do mar o deslumbramento afeto,
As dormências nervosas e o sombrio
E torvo aspecto aterrador, bravio
Das ondas no atro e proceloso aspecto.*

*Num fundo ideal de púrpuras e rosas
Surges das águas mucilaginosas
Como a lua entre a névoa dos espaços...*

*Trazes na carne o eflorar das vinhas,
Auroras, virgens músicas marinhas,
Acre aromas de algas e sargaços...*

(*Flor do Mar*, In: *Broquéis*)

De facto, poema não se devora avidamente, saboreiam-se palavras evocando sensações e emoções, valorizando cadência, som e harmonia, permitindo desvendar ou recuperar o que o poeta quis transmitir seja em termos estéticos ou a sua visão do mundo. Não só. Leva a percorrer a viagem do imaginário e penetrar no limbo - o espaço entre o real e o surreal

Observe o que diz em *Velho Vento* (de o Livro *Derradeiro* - In: *Poesia Completa*), aqui reproduzidas apenas quatro estrofes das trinta que compõem o poema:

*Velho vento vagabundo!
No teu rosar sonolento
Leva ao longe este lamento,
Além do escárnio do mundo.*

*Tu que soltas pesadelos
Nos campos e nas florestas
E fazes, por noites mestas,
Arrepiar os cabelos.*

*Tu que contas velhas lendas
Nas harpas da tempestade,
Viajas na Imensidade,
Caminhas todas as sendas.*

*Tu que sabes mil segredos,
Mistérios negros, atrozes
E formas as dúbias vozes
Dos soturnos arvoredos.*

Othon d'Eça (1892-1965), contista e marinheiro. O que inspira seus contos ou suas pequenas histórias é a vida praiana do litoral catarinense. Em *Homens e Algas* (1957), seu último livro, a ficção e a realidade se encontram numa colectânea de histórias curtas, vincadas pelo quotidiano sofrido e miserável dos pescadores. Histórias emolduradas pela deslumbrada descrição da paisagem, diante da qual não escondia seu êxtase, fazendo da pena o pincel, e das palavras a aguarela desse cenário mítico. "*A beleza palpante da paisagem que me rodeia - um mundo de luz e cor que se mistura e vibra numa névoa tépida como um beijo.*"

Para Othon d'Eça, *Homens e Algas*, como ele afirma em seu *Como um Prefácio*, é quase um livro de memórias "escrito com o intuito de gravar verdades vivas e amargas - que valem muito mais que os relevos dos frisos e as galas da imaginação."

Ao fixar tipos humanos, linguagem, folclore e vida praieira, Othon d'Eça, além de produzir uma vigorosa literatura regional etnográfica, em todo o seu texto carregado de açorianismos, traz à tona a memória colectiva da população praieira. Logo, sua obra é mais que um livro de memórias, é uma peça documental preciosa pelo registro que faz da história social e cultural da Ilha de Santa Catarina e do litoral sul catarinense.

Nos contos narrados com simplicidade e originalidade, Othon d'Eça dá voz a criaturas cuja vida se desenrola junto aos avanços e recuos do mar, sobre a praia, numa relação simbiótica, "*homens e algas cuspidos todos numa praia, sob o sol dourado e vivo: as algas pelo mar e os homens pela miséria*" (1992:43).

Othon d'Eça mergulha na alma do pescador e descobre o modo de ser, de estar, de celebrar, de saber, de fazer dessas criaturas que encontra no mar a esperança do alvorecer, o seu amanhã; que têm a pele impregnada de maresia e nas veias o sal do mar, seu amor maior.

Abaixo, exemplos de sua escrita, em *Homens e Algas*, onde os personagens e o narrador se exprimem no mesmo

linguajar, com expressões que deixam transparecer o imaginário insular:

"Nem a terra, nem o mar, nem os fantasmas errantes cantam com aquele ritmo e aquela saudade. - Aquilo, meu senhor, não é trova deste mundo. E ninguém sabe quem anda a cantar nas alfombras das árvores, pelo inverno, quando a noite se torna maior e mais deserta e o vento, no céu, atíça o lume vivo das estrelas." (p.162)

*"A Bernúncia!
Cruzes, mulher! Quase me engole. Não é às veras, mas arrepia!
Para o Cármino, jornaleiro da Pinheira, a Bernúncia deve ser uma alma.
O Jango Leiria (...) discorda com desprezo: - Isso é algum mau fadário,
como a bruxa ou o lobisomen.
Mas o António Adriano, velho pescador e meu amigo, pensa que a Bernúncia veio do mar...
O avô viera da outra banda do oceano, mais de uma vez lhe falara de monstros e
cobras grandes que atacavam os barcos e se escondiam nas dobras das cerrações."* (p.74)

*"Calei-me. Senti a inutilidade das palavras e dos argumentos: aquele
pescador amava o velho mar que trouxera das ilhas distantes os seus avós;
que alimentara a seu pai e o estava alimentando a ele; e continuaria a dar de
comer aos filhos e aos seus netos, como uma seara milagrosa e abençoada."* (p.67)

II Tempo de Cascaes

Franklin Joaquim Cascaes (1908 -1983), etnógrafo, escultor, folclorista, escritor e, também, bruxo artífice da cultura ilhoa e de seus mistérios anímicos, por mais de trinta anos observou, escudou, partilhou, recolheu estórias e documentou pacientemente incontáveis relatos vivenciados por nossa gente, fruto da tradição oral.

Nasceu na linda praia de Itaguaçu e lá, entre pedras esculturais, que ele afirmava serem bruxas petrificadas, a branca areia e o rendilhado das ondas, começou a rabisar os primeiros desenhos e moldar as primeiras figuras humanas e antropomorfas. Seu talento foi descoberto pelo professor e escultor paulista Cid da Rocha Amaral, que de passagem pela Ilha ficou encantado com a série de esculturas retratando a Via Sacra que povoavam as areias de Itaguaçu. Era Semana Santa. Curioso, quis conhecer o autor de tal arte. Ao conhecer Cascaes, Cid Amaral se espantou com o jovem tímido, roceiro, beirando 20 anos, que nunca frequentara uma escola. Graças ao ilustre padrinho, Cascaes pôde estudar e se formar professor de desenho, profissão que exerceu até se aposentar.

Como artista, Franklin Cascaes foi autodidacta. Utilizou o seu talento e criatividade em registrar e transmitir através da escrita, do desenho, da escultura e do artesanato o legado açoriano, na ânsia de memorizar o passado, de salvar o património cultural que se fragmentava frente às exigências da modernidade, que chegava transformando o espaço urbano, descaracterizando o meio rural e espoliando o pescador da sua praia.

A maneira pela qual efectivou sua prática memorialista foi a produção de 941 desenhos a carvão e a bico-de-pena, nas 1368 peças em argila e 148 cadernos - verdadeiros diários de campo - valioso acervo depositado no Museu Osvaldo Rodrigues Cabral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

*"Tive a felicidade de ser um dos primeiros a penetrar na Ilha de Santa Catarina,
antes mesmo de terem lá chegado os massivos meios de comunicação.
Em algumas localidades, não havia instalação elétrica, nem estradas, o que
fazia com que as comunidades vivessem um mundo próprio, longe da influência
dos centros urbanos, permitindo que suas vivências e manifestações se mantivessem
livres de alterações provocadas por agentes externos."*

Foi neste ambiente que Cascaes realizou todo o seu incansável e vasto trabalho de recolhas referentes ao comportamento, às características populares, às actividades quotidianas dos colonos e pescadores, às crenças e ao imaginário bruxólico da Ilha de Santa Catarina. É inegável o valor de sua arte e de sua genialidade. É, sem dúvida, uma das maiores contribuições para a preservação da identidade cultural de Florianópolis.

Traduziu melhor do que ninguém o universo artístico, fantástico, mágico que permeava (e permeia) a teia de relações sociais do povo açoriano da Ilha de Santa Catarina. Na sua única obra publicada, *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* (1979 - I volume), estão reunidas doze estórias de um conjunto de vinte e quatro. No enredo, temos a narrativa linear do fantástico contado com extrema singeleza por vozes da Lagoa, do Ribeirão da Ilha, do Pântano do Sul e de outras freguesias. O leitor mergulha num torvelinho e de cada página saltam bruxas, feiticeiras, lobisomens, boitatás, benzedoiras com suas rezas e remédios.

*"A bruxa que estava sentada no banco da popa da lancha junto da gaiúta,
onde o pescador estava escondido, era comadre e prima dele. Ela sabia
da presença dele ali, através do seu fado fadórico sobrenatural(...)
Ao ser desmascarada suas faces enrubesceram, seus olhos esgazearam
e sua fala emudeceu. Recuperando-se, ela afirmou: - Compadre, a terra
de origem deste punhado de areia e deste ramallete de rosas é a Índia.
Eu aprendi, na minha escola de iniciação à bruxaria, que lá nos Açores,
na terra dos nossos antepassados, as bruxas também costumavam
roubar embarcações e fazer estas viagens extraordinárias entre as ilhas e a Índia."*

(*Bruxas Roubam Lancha Baleeira de um Pescador*, in: *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, 1ºvol.)

O segundo volume de *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, que só sairia nove anos após sua morte, ou seja, em 1992, traz doze outras estórias. Os enredos dos vinte e quatro textos seleccionados reflectem as andanças de Franklin Cascaes pelo interior da Ilha, no lusco-fusco do entardecer, num dia de prosa nos bancos das vendas com os pescadores da Armação ou do Canto dos Araçás, a contar casos sobre as aparições das praias desertas, os vultos que acenam, misteriosos e desesperados do alto dos paredões dos Naufragados ou ainda causos sobre as bruxas, lobisomens, boitatás, que habitam todos os cantos e recantos da Ilha. Estórias de tempos idos, estórias rememoradas continuamente no tempo e naquele espaço sem limites ou fronteiras a não ser o da linha do horizonte onde o céu e o mar se encontram.

Na busca do entendimento da rica cultura popular da Ilha de Santa Catarina, a obra de Franklin Cascaes oferece um farto material para pesquisadores que se aventuram a penetrar nesse fabuloso mundo, desvendando arquétipos delineados em tantas imagens e formas míticas. Com sua exuberante imaginação, ele surpreende: assim é quando introduz na narrativa das lendas da Ilha elementos actuais como uma nave espacial ou quando procura na mitologia grega a compreensão de atitudes estranhas do nosso homem simples e aturdido com o inexplicável.

III - Depois de Cascaes

Para representar esse período contemporâneo a Cascaes e pós Cascaes, marcado fortemente pelo realismo fantástico ou imaginário bruxólico desenvolvido a partir dos seus estudos, destaca-se um elenco de escritores e artistas cujo fervor à Ilha os identificam na sua criação poética e artística. Em todos, uma cumplicidade no olhar e no sentir o imaginário, fortemente ancorados na história cultural e social da matriz ibérica e na memória colectiva da Ilha.

Osmar Pisani (1936-2007), poeta, professor e crítico de arte, recebeu no ano de 2005 o Prémio Mário de Andrade, por sua trajectória de 40 anos divulgando as artes visuais catarinenses, concedido pela Associação Brasileira dos Críticos de Arte. Estreia na poesia, em 1964, com o livro *O Delta e o Sonho*. Em 1976, com *As Raízes do Vento* sua criação poética volta-se para a temática do mito da ilha de Santa Catarina.

A memória engole a nova terra
nas águas do reino! E do ilhéu,
marco da conquista que precede
o navegante alado-sentinela
ah! marinheiro, o canto dos Açores
vai surgindo no espaço
e o cansaço tateia a mesma ilha

navego o peixe - fantasma
do Ribeirão o feitiço
a bruxa que come infante
aguarda na flor o mergulho

solto asas arrastando
o demônio invejoso,
e te mando um Pão-por-Deus
algas e peixe fresco,

(...)
(Breve Canto, in: As Raízes do Vento 1976:19)

O passado ilhéu emerge num mar desenhado por ondas de versos curtos que se esparramam pela praia do presente com a suavidade da manhã que viu nascer ali na sua Coqueiros, luz opalina do dia que nasce do outro lado da ponte, emoções gostosas, doces ou afagos de Circe?
Está tudo ali: as tradições, o folclore, o pescador, sobretudo na segunda parte do volume - *Nossa Senhora do Desterro* - que agrupa três conjuntos de poemas: *Romances*, *O Pescador* e *As Raízes do Fogo*.

Em *Raízes d'Além-Mar* (2004), volta a publicar o conjunto de poemas *O Pescador*, que agora navega sob um mar de cores na vibrante arte pictórica de Semy Braga e Vera Sabino à procura ou à descoberta de suas raízes d'além-mar, numa travessia possível no barco alado, na canoa-pássaro. Novamente, a alusão clara ou emprestada da mitologia - seria o périplo de Ulisses?

é o de menos tua esquivaça.
ar: lâmina em tuas mãos
afaga o bojo da canoa-pássara,
é claro o ônus de haveres
e a nítida salsugem que refaz
teu silêncio primário
sangue e maresia,
circulam em teu desatino áspero.

ah! pescador de sonhos-boreais...
as rugas e queimaduras
mastiga a tua fibra.
ares bruxentos
comem tua pele,
benzes com água e sol
cabala e nosso senhor,
tu és um ser aquoso
circula a tarrafa,
o gesto-pássaro
colhe o peixe-bailarino,
veste-se de estrelas do mar,
inventa o sol nas montanhas
o tempo bom pra pescar
refaz mantas e vigílias
vaga preciso no escuro.
mareado é um Sonhador
ao longe vê a baleia
leva a canoa pro mar
arpoa a própria esperança.

(*O Pescador*, in: *Raízes d'Além-Mar*: 2004:64)

A criação poética de Pisani não se esgota, nem após a sua partida em 8 de março de 2007, continua presente na saudade do amigo, do poeta por sua ousadia, rebeldia, por sua liberdade de alma. Foi assim com *As Paredes do Mundo* (1981) com que arrebatou o Prêmio Cruz e Sousa, em que presta homenagem ao poeta do simbolismo brasileiro, ou em *Variações Lírico-Pictóricas sobre o Boi-de-Mamão* (2004) cuja publicação provocou muitas mágoas mas nunca o vergou...foi sempre uma palavra, uma voz liberta até o fim.

Péricles Prade (1942), poeta, contista, professor, jornalista, crítico literário e de artes plásticas. É na poesia e na ficção que Péricles Prade desfaz limites entre o exterior e o interior, entre o real e o surreal, surpreendendo com o uso abundante de metáforas, alegorias e imagens além do racional ou transracional.
O poeta gosta de dizer que sua poesia é para iniciados. Para Osmar Pisani, "*Péricles é um grande poeta brasileiro cuja poesia transcende qualquer nexos elementar alcançando-se às grandes criações.*"
Sua primeira incursão na literatura foi no ano de 1963 com *Este Interior de Serpentes Alegres*. Da sua obra, pelo percurso indelével pelo surreal e pelo imaginário ilhéu, abstraindo da lógica racional e penetrando no emaranhado dos fios tecidos no correr dos dias, na magia da alma, destaco: *Nos limites do fogo* (1976) e *Além dos símbolos* (2003). Guarda-se *Cortejo de Espantos*, cuja temática constante é a Ilha e seus mistérios anímicos.

Sou a parte imóvel
dos olhos da bruxa,
serpente musical
que se faz e se refaz
nas curvas de tantos sonhos,
abraçada como um feto
em sua antiga vassoura.

Sou anverso
do Exu nervoso, ave alegre
cuja cabeça cortou
antes da hora.

Sou o duplo,
do ago duplo, espantalho
de mim mesmo, fruto descascado
após o banquete anterior ao de Platão.

E tudo porque
nasci submerso
à espera das mãos de Netuno.

(*Na Ilha* in: *Cortejo de Espantos*, livro inédito)

Rodrigo de Haro (1939). Artista plástico. Poeta. A primeira e a actividade fundamental. Pintor, desenhista e muralista. E o poeta? Nem maior, nem menor que a primeira. É um território mágico, sagrado, como sua Ilha Catarina, a santa de Alexandria, povoada de bruxas e mistérios com os quais Rodrigo vivencia e cristaliza esse universo em forma de cor e de criação poética, impregnada de realismo fantástico, deixando aflorar o mítico que subverte o real. A obra pictórica e a produção literária seguem juntas, numa complementação de temas e imagens que têm a sua assinatura inconfundível.

Suas imagens poéticas, suas imagens pictóricas ora se afastam de cenas do quotidiano, das tradições locais para se embrenhar por temas recorrentes e até perenes do imaginário do lugar e do artista embriagado por sua Ilha, ora se aproximam em incursões por trilhas da memória. Alegorias, metáforas, tempo, espaço se fundem e emergem na criatura pela decantação dos fetiches: sortilégios, feitiçeiros, seres alados, berrúncia, Maricota, auto do boi-de-mamão e o cantar dos bilros nas mãos da mulher rendeira.

Se em seus quadros o pintor abre comportas para o mundo intimista ou abre de roldão as janelas para a Ilha, sem qualquer censura, em alusões românticas, sensuais, oblíquas, mas inevitáveis; na poesia, o poeta navega livre, avesso a regras métricas de versificação, exprime sentimentos, usa da ironia com maestria e, subtilmente, provoca o leitor na descoberta do enigma. Rodrigo alicia, seduz e não hesita em deixar o poema em suspenso, quebrando versos, deixando-os inacabados com um convite aberto para a sua recreação, para o laboratório do mago, enfim, para compartilhar a poesia que nasce no espaço mítico do poema onde povoam imagens insólitas e díspares: hagiográficas, bíblicas, míticas e mitológicas como as deusas-feitiçeras de Homero.

O mago-poeta tal como é descrito no poema de outro poeta, o ilhéu Semy Braga:

Bruxo

Do morro do assopro.

Senhor das linhas e do arco íris.

Alquimista,

Conhecedor dos pergaminhos reveladores,

Alexandria, Jerusalém, Nostradamus!

Homem-morcego,

Insular criatura.

Amigo de Igor.

Semy Braga

(In: *Esquina do Luar*, 2004:81)

Sua produção literária compreende muitos poemas esparsos, prosas, contos, numerosas participações em antologias e alguns livros inéditos como os volumes de *Naufrágios* (1990). Dos publicados, destacam-se: *Trenta poemas* (1961), *Pedra Elegiaca* (1971), *Amigo da Labareda* (1991), *Mistério de Santa Catarina ou Livro de Emblemas de Alexandria* (1992), *Borboleta Verde ou Guardiã dos Sortilégios* (1998), *Ilha ao Luar* (1998).

Os nomes das feitiçeras

Que urdem

No Rio Vermelho

Não se pode murmurar

Que urdem numa balandra

Ida e volta

Para as Índias.

São aduncas são faceiras

Muitos anos de idade

São nomes de feitiçeras

Não se pode murmurar.

Com tinta negra

de lua

Escreve muitas demandas

As feitiçeras

Caladas.

Quem me dera surpreendê-las

Em suas danças

Na praia!

(...)

(*Bruxas* In: *Amigo da Labareda*, 1991:17,18)

Na pintura como no poema revela de forma concatenada os significados manifestos e deixa fluir o latente na sugestão da cor, no palpitante do verso. Assim, sua pintura se espalha por sua poesia e prosa, enquanto imagens visuais invadem a literatura, se completam e compõem, flutuando entre a dimensão do sonho e da realidade: paisagens, alfaias, personagens todas numa grande cabala como se cumprissem um fadário. Cenários armados por mãos açorianas, seculares, na argamassa do forte, na atafona, na roda do engenho, nos cruzeiros e igrejas, no canto das sereias, no feitiço das bruxas.

"Acampei certa vez durante três dia na praia da Armação.

Coimbra, chamava-se o pescador curioso que me acolheu.

Tinha bela cabeça portuguesa e gostava de ouvir e contar histórias.

(...) Divagávamos por cosmogonias preguiçosas, histórias marinhas de aparições.

Uma pergunta: - Qual a diferença que há entre uma sereia e a encantada?

Eu não sabia, é claro.

Coimbra:- A sereia vem do mar, a encantada desce a correnteza dos rios,

explicava então de boa-fé, o ilustrado pescador."

(Dias de 1959, in: *Ilha ao Luar*, 34-35)

Semy Braga (1947), médico, pintor e poeta. Arte e medicina, actividades que se encontram e se complementam na arte. Como artista plástico aparece em 1967, em exposição individual no Museu de Arte de Santa Catarina. Na poesia, estreia-se em 1983 com *Despertar de um anjo azul*, uma pequena edição, manuscrita, ilustrada por ele em parceria com sua mulher, a pintora Vera Sabino, e pelos amigos artistas Eli Heil e Vecchiotti. Uma verdadeira preciosidade! Reaparece em 2004 com *Esquina do Luar*. No ano de 2005 publica *Madrugada Acesa*. Tem prontos mais dois livros: *Jardim dos Aromas* e *Na Ilha Embruxada*. Presente em inúmeras antologias, inclusive nos *Caminhos do Mar* (2005), antologia que celebrou o encontro de poetas açorianos e catarinenses numa longa travessia de aproximação de mundos apartados no tempo e no espaço, sendo de sua autoria o quadro Divino que ilustra a capa da referida obra.

Toda produção poética e artística de Semy Braga está impregnada pelo seu jeito franco de olhar a condição humana, reafirmar tradições culturais e valores estéticos gerados na Ilha-mater, perenizados, tecidos pela sensibilidade do poeta em sua peregrinação por tantos caminhos do universo ilhéu, habitado pelo fantástico, pelo pescador, pela rendeira, por figuras folclóricas, por vozes de todos os cantos que se espraiam na sua poesia e na sua pintura.

Ambas ressoam libertas, míticas e oníricas, comprometidas com a beleza e a ética, expressas na filigrana delicada de cada poema, de cada quadro. Sua pintura e sua poesia caminham juntas em sintonia. Estilo que se identifica na temática, no rigor da criação, na tessitura do poema e do quadro, provocando a mesma tensão, como um chamado à sua fruição. Não é temerário afirmar que sua pintura é poesia e sua poesia retrata imagem visual,

uma por dentro da outra ou vice-versa.

Na pintura, a técnica pictórica corporifica no traçado vibrante, etéreo, mágico, o uso despojado da cor. Nada é supérfluo. Tudo se configura desde a composição surrealista da paisagem bucólica ao mistério do cenário solitário, quase nostálgico, visceral, repleto de saudade de um lugar seu, utópico, uma outra ilha - a de Circe? Sim, o imaginário bruxólico presente ou habilmente insinuado como num jogo de sedução, na dialéctica dos tons quentes e frios, mas sempre a profundidade do senso cromático explorado em todas as suas nuances na composição de sua paisagem feitiçeira, de sua arte.

Poesia forte, linguagem expressiva, madura, respira emoção, provoca devaneios, sonhos alados, mexendo com o imaginário, deixando fluir o pensamento numa dança de pura magia, como o ondular enamorado do mar em noites enluaradas, na sua Ilha embruxada de Santa Catarina por errâncias infundáveis.

*Em noites sinalizadas
procurar pelas ervas encantadas
Rir na madrugada
iluminado pelas luzes do trovão
Acompanhar o vento
e descobrir um novo momento*

depois, na calmaria

deixar o pensamento vaziar...

(Receitas. In: *Madrugada Acesa*, 2005:83)

A poesia de Semy espelha o viver na sua Ilha - o território físico e a sua própria insularidade - o espaço simbólico que emerge de dentro de si em imagens fulgurantes e nesta solidão criativa extravasa o mítico, o imaginário fantástico, iluminando o fazer poético, levando-nos a saborear palavras, sílabas, musicalidade, ritmo, sentimentos, imagens do presente, outras deixadas para trás no arquivo colectivo da memória de nossa gente que ele insiste em salvar:

*"Quando penso na ilha, vem em mente um mar imenso se dividindo com o céu,
por vezes manchado com mensagens trazidas pelo vento sul. Quando penso
mais profundamente, reconheço neste céu toda sorte de miragens: são
festejos excêntricos, cortejos intermináveis, canoas que voam em
viagens transoceânicas pra muito além da saudade, contidos no imaginário
da gente simples e singular que habita este pedaço de terra. Doce Desterro! "*

(depoimento, catálogo da exposição coletiva *Fervor da Ilha*, 2002)

A imensa carga de crenças, superstições, fabulário, estórias bruxólicas contidas no cotidiano, parte significativa do acervo espiritual ilhéu, inspira sua poesia e sua pintura.

*As comadres rezam em volta da cama.
Benzedeira não deu jeito
A criança definha.
- Bruxaria, alguém falou!
É preciso fazer alguma coisa.*

(de *Arapuca*. In: *Esquina do Luar*, 2004:117)

Além, é claro, de falar do legado cultural açoriano ilhéu, no registro apaixonado de imagens d'além mar ao encontro de suas raízes nascidas em meio às rochas vulcânicas, como a videira que brota nas fissuras da pedra negra lá na Ilha do Pico, raízes reencontradas e alimentadas no deambular do poeta e do pintor.

*Cortejo de mil sombras
ligadas ao mar*

*Na praia, o touro
Na encosta, a paixão
Sobre a mesa, a delicadeza da renda*

(In: *Madrugada Acesa*: p 91)

Sua obra artística e sua poesia revelam o amor do poeta e do pintor em suas andanças pela Ilha de Santa Catarina de tantas vivências, histórias e imagens partilhadas. Imaginário do pintor, imaginário do poeta que vai se encontrar na aventura da descoberta da sua Ilha de Circe.

*Soltas no ar
As criaturas.*

*Bruxas e boitatás
Bailam na claridade da nuvem*

do poema *Clair de la lune* (noite de pescaria)
Do livro inédito *Ilha Embruxada*

Vera Sabino (1949), há quarenta anos é um dos ícones das artes plásticas contemporâneas e uma das mais notáveis pintoras catarinenses. Define-se autodidacta. Tem uma pintura madura moldada num mundo figurativo de muitos tons e cores. Uma fascinante unidade formal, um repertório de historicidade e de tradições alicerçadas no substrato açoriano sobrevivente no litoral catarinense, onde a plenitude do olhar se debruça sobre a efervescência do seu imaginário e do imaginário ilhéu. Um olhar doce que deixa aflorar um certo apaziguamento interior em justaposição com um olhar de guerreira, de energia pura, de esperança, de crença e de luta pelos valores essenciais da sua terra, do mar que a rodeia, da vida que levita no vendaval de mudanças que assola a sua Ilha, abençoada por Santa Catarina de Alexandria, que tanto ama e defende.

Desde 1964, ainda na escola secundária, quando recebeu seu primeiro prêmio, e de 1969 quando obteve o segundo prêmio no Salão de Artes Plásticas para Novos em Curitiba (Paraná) e realizou sua primeira exposição, construiu uma admirável trajectória artística que a cada passo ou a cada obra se supera.

Vera Sabino é incansável artista do fazer e do saber ilhéu, acrescenta sempre, desvenda, reinventa, decifra enigmas entrelaçando na linguagem plástica e na apurada técnica, por ela inventada, um mosaico de cores, de tons quentes, de intensa luminosidade, da sensualidade das formas que transparecem no universo mítico de Vera onde tudo cabe e é permitido, no ténue fio que conduz e ao mesmo tempo separa o real do irreal.

Na comunhão do inconsciente com elementos da paisagem, o microcosmo ilhéu em movimento se revela em metáforas visuais e preciosa policromia. Dessa maneira, sua obra apresenta-se como uma surpreendente narrativa visual. Passeia pelas tradições e pela memória colectiva, revisita mitos, na sua inquietude e rebeldia quebra padrões estabelecidos e deixa fluir a riqueza do imaginário insular.

*"Abrem-se as janelas da minha ilha, deixando penetrar na alma o perfume
de cada lugarejo. Na Lagoa da Conceição, o querosene das pombocas
lembra o alguidar com camarão e a minha cabeça à milanesa de rolar nas dunas.
O lírio de brejo perfuma Santo António de Lisboa, afirmando que as bruxas
estão ali se banquetando de ostras.(...) Na Costa da lagoa, refúgio original de*

tantos perfumes, reacende a cada nascer do sol a alegria de ter nascido aqui."

(depoimento, catálogo da exposição Fervor da Ilha, 2002)

Ao fazer de sua arte instrumento de resgate e preservação do patrimônio cultural imaterial, transpondo para seus quadros símbolos, rituais, religiosidade, canoas, tarrafas, rendas, tramóias labirínticas, laelias purpuratas, bromélias, crenças, mar, serpente, mulher, bruxas, rompe a visão estática do passado e vai ao encontro do nosso passado sem ser passadista, como bem escreveu o escritor Mário de Andrade em carta a Paulo Duarte: "*Entre ser passado e ser passadista há uma grande diferença, diz ele. Goethe era passado mas não passadista. Passadista é o ser que faz papel de carro de boi numa estrada de asfalto.*" (in: Veloso e Madeira 1999:115)

Adepta do realismo fantástico, faz uma relevante leitura visual de Franklin Cascaes e das estórias publicadas na sua obra *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, a qual resultou a série bruxótica, em homenagem a Cascaes, com imagens pintadas dos contos: *Balanço Bruxótico*, *Bruxas roubam lancha baleeira de um pescador*, *Congresso Bruxótico*, *Eleição Bruxótica* e *Mulheres bruxas atacam cavalos*. Na coreografia embruxada, a paisagem imagística é cenário e ocupa o espaço circundante, enquanto as mulheres-bruxas estão no primeiro plano, como é característico a presença permanente da figura feminina em sua obra.

Vera Sabino percorre os caminhos, descortina a magia, e entre vivências e convivências busca inspiração no jeito de ser e estar na Ilha, nas lendas, rezas, fadário, sensações e sem qualquer inibição retrata a Mulher. Mulheres se multiplicam, metamorfose, imagem sensual, insólita reinvenção, sortilégios de sua arte. Medusas adornadas em suas cabeças com peixes, seres marinhos, cobras, pássaros, flores, numa composição encantada; rendeiras de olhos pretos profundos, cheios de sensualidade e vívidos como o olhar da gaiota a espiar rotas; sereias emergem, antropomorfas tentadoras, no meio do mar cavado, cristais de ondas, cabeleira de espumas, corpo rendado de escamas em contraste com o rosário hagiográfico de suas madonas e santas e, por último, bruxas da Ilha, feiticeiras, nuas ou vestidas, corpos de puro desejo, seios fartos, boca carnuda, vermelha, imagem exuberante. Mulher e Bruxa. Bruxa-mulher.

"*Bruxas disfarçadas de pitonisa ilheia*", sugere o poeta Lindolfo Bell no ensaio Vera Sabino: *Triunfo da Transfiguração* (2004:p.6). Imagens femininas, bruxóticas, emprestadas da mitologia como Circe, a feiticeira da Ilha de Eéia, de longas tranças, a tecer a tela da imortalidade.

Entre o real e o imaginário não há fronteiras. Apenas tangem o insondável e se cruzam no tempo. O tempo da Ilha. A Ilha de Circe? Por que não? Essa mesma, que por um átimo do tempo foi deslocada no espaço, para o extremo sul do Atlântico, na América do Sul, no Brasil e viveu a aventura da travessia para um outro mundo - a Ilha de Santa Catarina e seu imaginário bruxótico, herança de uma partida, de uma chegada e jamais de um regresso.

Lélia Pereira da Silva Nunes

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas:

BELL, Lindolf (2004). *Vera Sabino: Triunfo da Transfiguração*. In: Vera Sabino, Florianópolis: Espaço Cultural Fernando Beck/Badesc, Catálogo.

BETTENCOURT, Urbano.(2003). *ILHAS Conforme as Circunstâncias*, Lisboa: Salamandra.

BRAGA, Semy(1983). *O Despertar de um Anjo Azul*, texto manuscrito. Rio do Sul, Jawi Ind.Gráfica.

BRAGA, Semy (2004). *Esquina do Luar* - Florianópolis: Insular.

BRAGA, Semy(2005). *Madrugada Acesa* - Florianópolis: Bernúncia.

BRAGA, Semy(2007). *Jardim dos Aromas* - Florianópolis:Bernúncia (inédito)

BRAGA, Semy. *Ilha Embruxada*, Inédito.

CASCAES, Franklin. (1979) *O Fantástico Na Ilha de Santa Catarina*, Vol.I - Florianópolis, Ed. da UFSC.

CASCAES, Franklin. (2002) *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, Vol.II - 3ª edição , Florianópolis, Ed.da UFSC.

CORREIA, Natália (1983). *A Ilha de Circe*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

D'EÇA, Othon.(2003) *Homens e Algas* - 4ª.ed.- Florianópolis:Insular, Edufsc.

FRIEDRICH, (1978) *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades.

HARO, Rodrigo.(1991). *Amigo da Labareda*, São Paulo: Massao Ohno Editor.

HARO, Rodrigo de. (1998) *A Borboleta Verde ou A Guardiã dos Sortilégios*, Florianópolis. Fenasoft.

HARO, Rodrigo de.(1998) *Ilha do Luar*, Florianópolis. Fenasoft

HARO, Rodrigo ET alii. (2002). Catálogo da Exposição Fervor da Ilha, Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

HOMERO.(1978) *Odisséia* - texto de Thomas W.Allen (Oxford,1907) - São Paulo:Abril Cultural.

JUNKES,Lauro,PISANI,Osmar,BETTENCOURT,Urbano(2005). *Caminhos do Mar: Antologia Poética Açoriano-Catarinense*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras/Fundação Anibal Nunes Pires.

MAGALHÃES, Aloísio,(1997) *E Triunfo?A Questão dos bens culturais no Brasil*, Rio de Janeiro:Nova Fronteira;Fundação Roberto Marinho.

NUNES, Lélia Pereira da Silva (2003) *Presença Açoriana na Literatura da Ilha de Santa Catarina* - publicado no SAAL - Suplemento Açoriano de Artes e Letras da revista SABER , ANO IV,No.9. Novembro 2003 - Ponta Delgada - Açores.

PISANI,Osmar(2003). *Varições lírico-pictórias sobre o Boi-de-mamão*.Florianópolis: Fundação Anibal Nunes Pires.

PISANI,Osmar(2004). *Raízes d'Além mar*, Cores e Versos na Ilha de Santa Catarina - Florianópolis:Fundação Anibal Nunes Pires.

Florianópolis: Fundação Aníbal Nunes Pires.

PRADE, Péricles. (2003) *Além dos Símbolos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.

PRADE, PÉRICLES. *Cortejo de Espantos*. Inédito.

SÁ, Daniel de. (2003) *Açores*: Everest Editora, Ltda.

SOUSA, Cruz e (1981) *Poesia Completa*. Introdução de Maria Helena Camargo Régis. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura.

SOUSA, Cruz e. (1994) *Broquéis*, Edição fac-similar; introdução de Ivan Teixeira; São Paulo. Edusp.

SOUSA, Cruz e. (1998). *Faróis*, Edição fac-similar - Cem anos da morte do autor; introdução de Ivan Teixeira; Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura.

SOUSA, Cruz e. (1998) *Poemas: Seleção, introdução e notas de Eglê Malheiros*. Florianópolis: C.E. Centenário de Morte de Cruz e Sousa, Brasília. Senado Federal.

.....